

JORNALISMO E LITERATURA: ESPAÇOS E PROCESSOS DE LIMINARIDADE

MARIA DE FÁTIMA OUTEIRINHO

Universidade do Porto
outeirinho@letras.up.pt

Mercê da importância crescente, no século XIX, de um *medium* como a imprensa periódica no campo das trocas culturais, já pela aproximação de múltiplos espaços nacionais enquanto meio congregador e disseminador de informação, já pela conquista progressiva de um lugar de destaque no quotidiano do leitor da época, o campo literário de então revela uma *praxis* literária fortemente assente no periodismo. Com efeito, em Oitocentos, as figuras que integram ou pretendem vir a integrar a República das Letras circulam, incessantemente, entre Jornalismo e Literatura, num afazer constante que permite erguer empresas jornalísticas, escrever editoriais ou notícias, ou ainda ocupar, de modo polimórfico, o rés-do-chão ou o pavimento térreo¹ do jornal, expressões usadas para designar o folhetim, graficamente inscrito no rodapé do jornal.

Fenómeno transnacional, o folhetim ergue-se, à época, como espaço procurado e porta de entrada no mundo das letras² e são os próprios folhetinistas a darem desse facto testemunho, na sua prática folhetinesca³. Entre os múltiplos exemplos que o século XIX nos deixa, lembremos apenas as afirmações problematizadoras de Camilo Castelo Branco, sob as vestes de Fouché, nos baixos do jornal⁴ «O Eco Popular», e que revelam, claramente, as expectativas de visibilidade e legitimação criadas pelo advento do folhetim:

¹ Estas são algumas das alternativas sinónimicas então usadas para designar o folhetim.

² No domínio da ficção, como não lembrar o desejo de glória literária da personagem queirosiana Artur Corvelo que, em *Capital*, pensa sempre o percurso sonhado, intimamente ligado ao mundo periodístico e ao folhetim?

³ Sobre esta questão consulte-se OUTEIRINHO, 2003: 50-61.

⁴ Expressão que também à época se utiliza para falar de folhetim.

Aqui, há duzentos anos, quem se quisesse fazer conhecido pelas letras, precisava de escrever vinte volumes em tipo de breviário; e o seu nome ia morar em gordos caracteres na estante dum livreiro, quando a inteligência do escritor era pasto dos vermes (...). Aos vinte e cinco anos largava o rapaz de génio o Ovídio, e o santo Agostinho, e começava a escrever a crónica deste ou daquele diabo. (...) Hoje, nós os superficialíssimos entendedores do coração humano, se cá víssemos um destes homens, chamávamos-lhe um bom pândego.

Abstraindo de frades, crónicas, e reis, porque não sou amigo de arcaísmos, (...) descairei cá na época do lume-pronto, em que o rapaz cimenta, o seu monumento literário com meia dúzia de folhetins num jornal⁵.

Muito embora o folhetim seja apenas um dos múltiplos factores que autorizam pensar a expansão e desenvolvimento do periódico – e de um modo mais intenso, o jornal diário – e pensar ainda o campo literário, será somente em torno dele que centraremos a nossa atenção, ou seja, em torno do que veio a ser dicionarizado como «(...) secção literária de um jornal, que ocupa a parte inferior de uma ou mais páginas (...)»⁶, permitindo-nos reflectir em torno de espaços e processos de liminaridade⁷.

Com vista à reflexão, façamos um esforço de afastamento da acepção do vocábulo folhetim, mais comumente identificada, como algo de aparência ficcional, de episódios múltiplos, com variedade de peripécias, de duração longa e de prolongamentos quase infinitos, para remontarmos à condição primeira do folhetim: um espaço gráfico de divulgação e de crítica, atento à vida cultural e ocupando um tempo de lazer de um leitorado heterogéneo. Na verdade, surgido no dealbar do século XIX, no «Journal des Débats», pela mão do Abbé Geoffroy, o folhetim dos primeiros tempos apresenta-se como «(...) mélange d'articles de critique, de compte-rendus de théâtre, d'éphémérides politiques ou littéraires, d'annonces, de charades, de bulletin de modes, de recettes pharmaceutiques ou culinaires, de romances, de chansons, etc.»⁸, rubrica e espaço gráfico do periódico disponível para albergar objectos variegados. Contudo, o folhetim cedo dará lugar, quase exclusivamente, a uma actividade de crítica dramática e de crítica de novidades editoriais. Já a década de trinta vai adiantada quando o folhetim passa a publicar, com regularidade, o romance que, numa rápida adaptação ao suporte que o difunde, desenvolverá estratégias retóricas e narrativas, transformando-se em romance-folhetim e levando a uma fidelização do público leitor.

De funcionamento diferencial no conjunto do periódico, funcionamento sublinhado pelo filete negro que o separa de qualquer outra peça jornalística e pelo ecletismo de maté-

⁵ CASTELO BRANCO, 1849: 1. Ao longo do nosso estudo, permitimo-nos actualizar a ortografia oitocentista em todas as citações transcritas.

⁶ MORAIS, 1953: 264.

⁷ A reflexão desenvolvida por Arnold Van Gennep apresenta instrumentos conceptuais que podem ser produtivos também para a abordagem do fenómeno folhetinesco. Veja-se, particularmente, VAN GENNEP, 1981: 19-33.

⁸ HATIN, 1861: 442.

rias que alberga, o folhetim, desde o seu início e como o referimos em estudo anterior⁹, será também um «*no man's land* que se converterá gradualmente num *every man's land* da república das letras»¹⁰, procurado por todo aquele que busca legitimação e capital simbólico, como literato e/ou figura pública, motivando para uma produção textual e impulsionando a difusão dessa mesma produção. Compreende-se pois que, em 1889, Mariano Pina afirmasse que «Ser literato [era] a suprema aspiração do animal lusitano.»¹¹ ou que, em registo ficcional, em *A Ilustre Casa de Ramires*, se encontre o seguinte conselho dado a Gonçalo Mendes Ramires:

*E depois, menino, a literatura leva a tudo em Portugal. Eu sei que o Gonçalo em Coimbra, ultimamente, frequentava o Centro Regenerador. Pois, amigo, de folhetim em folhetim, se chega a S. Bento! A pena agora, como a espada outrora, edifica reinos... Pense você nisto!*¹²

Espaço procurado pela sua visibilidade e para conquista de visibilidade, paradoxalmente, em termos de história literária o folhetim converteu-se num espaço de invisibilidade de dinâmicas culturais, textos e autores, fruto da vulgarização, mas também da banalização do acto de escrever e que terá redundado numa folhetinomania que então se viveu, fruto ainda de uma suspeição fundada no seu largo consumo e na estrutura tantas vezes serial dos romances aí publicados, resultando numa menorização da produção folhetinesca já experimentada à época e sublinhada numa pós-recepção¹³.

Com frequência votado a uma marginalidade estatutária face ao seu largo consumo e face à contribuição para uma literatura de massas, as aproximações críticas a um objecto que se apresenta dúctil, caleidoscópico e, por esse mesmo motivo, de difícil delimitação, têm também elas reforçado, pelas categorias de análise que elegem – centro e margem, centro e periferia –, uma visão hierarquizadora e marginalizante.

Como lembra Dominique Berthet,

*Les notions de marge et de périphérie, quoique non superposables, évoquent un écart, un en dehors, un à côté, une distance. Elles induisent aussi une séparation, une différenciation, de même qu'une limite, une extrémité, un bord, la fin d'une surface ou d'une zone par exemple et le début d'une autre*¹⁴.

⁹ Cf. OUTEIRINHO, 2003.

¹⁰ OUTEIRINHO, 2003: 30.

¹¹ PINA, 1889: 50.

¹² QUEIRÓS, 1999: 84.

¹³ Na verdade e como observa Michel Pierssens, há que considerar não apenas a recepção imediata de um texto, mas também a pós-recepção: «On doit maintenant aussi parler de post-réception dans la mesure où, à ces lectures premières, s'est ajouté un phénomène de conservation ou, au contraire, de non-conservation des textes, très dépendant de la sociologie du lectorat mais également de la nature matérielle des supports.» (PIERSSENS, 2007: 21)

¹⁴ BERTHET, 2001.

Apesar de percebido numa relação de contiguidade com um espaço eleito como central, a margem situa-se num espaço outro e, no caso do folhetim, resulta com frequência num tratamento quase de exclusão por parte da história literária.

É neste quadro genericamente traçado que se nos afigura como promissor e estratégico o conceito de liminaridade na abordagem do fenómeno folhetinesco. Grandemente difundido, num primeiro momento, no domínio da antropologia – quer por Arnold van Gennep quer por Victor Turner –, tal conceito tem vindo a conhecer uma enorme fortuna enquanto ferramenta de carácter heurístico que permite uma considerável aplicabilidade na análise de diversos objectos de estudo¹⁵. Como observa Tuner,

*Liminality, marginality, and structural inferiority are conditions in which are frequently generated myths, symbols, rituals, philosophical systems, and works of art. These cultural forms provide men with a set of templates or models which are, at one level, periodical reclassifications of reality and man's relationship to society, nature, and culture. But they are more than classifications, since they incite men to action as well as to thought*¹⁶.

Entendido enquanto estádio transitório integrado em ritos de passagem e que pode ser encontrado em diversas culturas, o conceito de liminaridade encontra a sua raiz no termo latino *limen* e diz respeito a um «transitory, in-between state or space, which is characterized by indeterminacy, ambiguity, hybridity, potential for subversion and change»¹⁷.

O conjunto de traços aqui sumariamente elencados e definidores de liminaridade permitem facilmente perceber a adopção que tem sido feita do conceito, nomeadamente no domínio dos Estudos Culturais, nas abordagens de uma literatura contemporânea com frequência atravessada por questões identitárias, habitada que está por seres liminares situados num *in-between space*.

Já no que toca à sua aplicação ao estudo do folhetim, ela decorre desde logo da valorização que podemos fazer a partir de liminaridade: o folhetim enquanto espaço e estádio que se vê como transitório, o folhetim enquanto rito de passagem para muitos dos aspirantes a homem de letras ou ainda o folhetim enquanto espaço de indeterminação que autoriza a mudança, a criatividade com as consequente redescições do fazer literário, um espaço sem constrangimentos, a não ser, obviamente, os constrangimentos gráficos.

Assomar à janela do folhetim é, no século XIX, uma forma de transpor a porta de entrada no mundo das letras. Assim, o folhetim é local de passagem para todo o postulante

¹⁵ Lembremos apenas o projecto The Northanger Library em torno da literatura gótica (Cf. <http://www.northangerlibrary.com/>).

¹⁶ Citado por BOWIE, 2000: 170.

¹⁷ <http://borderpoetics.wikidot.com/liminality>.

a literato, que transitoriamente o quer atravessar em busca de legitimação, de reconhecimento da crítica e do público leitor, possibilitando o acesso a um capital social que lhe abrirá portas não apenas no campo literário, mas também no exercício da coisa pública. Transpor o folhetim é afinal a passagem para uma ordem outra, num novo estatuto que se quer mais perene. O postulante a homem de letras não se contenta com a mera condição de folhetinista, condição transitória, efémera e, por esse motivo, numa tentativa de fazer perdurar os seus textos, providenciará a sua publicação em livro, suporte mais duradouro e com possibilidades de circulação no tempo. Para muitos então, o folhetim ergue-se como espaço e estádio transitórios a permitir uma construção identitária.

Não significa porém que esse limiar jornalístico não seja por vezes percorrido por um conjunto de figuras já com poder simbólico e que funcionam afinal como promessa da possibilidade de mudança, ao mesmo tempo que estabelecem laços entre periódico e leitorado a cativar. Esse limiar que é o folhetim funciona afinal como espaço de agregação de um colectivo composto pelo neófito, pelo homem de letras já consagrado e por aquele que é o seu destinatário, o leitor. Em 1866, afirmava Pinheiro Chagas nos seus *Ensaios Críticos*:

*O século, em que vivemos, inventou o folhetim. Os admiradores do passado vêem nisso uma prova de frivolidade desta geração; creio pelo contrário que se não deve ver neste facto senão a consequência necessária do derramamento da luz intelectual, e da participação de todas as classes nos prazeres delicados, que eram dantes privilégio dum limitado número*¹⁸.

Também a inexistência de uma pré-regulação, desta secção gráfica do periódico que assente numa preceptística, faz do folhetim um espaço de liminaridade. Espaço da indeterminação, o folhetim não só pode acolher qualquer forma de escrita como pode ser laboratório de escrita, em que se descobrem e se afinam estratégias, num espaço e tempo de incubação conducentes à emergência de novas formas literárias¹⁹. O folhetim é então lugar de criatividade, de transformação, de mudança.

Assim, pensar o folhetim à luz de processos de liminaridade é ultrapassar visões e classificações hierarquizantes num reequacionamento da história literária e também da história cultural, permitindo-nos claramente perceber que o folhetim ao estar muito para além de uma «maneira tipográfica de arrumar palavras», nas palavras de Vitorino Nemésio²⁰, se apresenta como espaço de práticas sociais e literárias fundamentais responsáveis por dinâmicas que singularizam o campo literário oitocentista.

¹⁸ CHAGAS, 1866: 93.

¹⁹ Refiramos tão-somente a emergência do romance-folhetim e um fazer cronístico com prolongamentos até à actualidade.

²⁰ NEMÉSIO, 1945: 304.

Bibliografia

- BERTHET, Dominique (2001) – *Editorial*. «Recherches en Esthétique». Fort-de-France: IUFM Martinique/CEREAP, n.º 7 [n.º dédié à «Marge(s) et périphérie(s)»].
- BOWIE, Fiona (2000) – *The Anthropology of Religion*. Oxford: Blackwell Publishing.
- CASTELO BRANCO, Camilo (1849) – *Leiam: verão o que é*. «O Eco Popular». Porto, 6 de Janeiro.
- CHAGAS, Manuel Pinheiro (1866) – *Ensaios Críticos*. Porto: em Casa da Viúva Moré-Editora.
- FOREST, Philippe Forest; SZKILNIK, Michelle (org.) (2005) – *Théorie des Marges Littéraires*. Mothe-Achard: Éditions Cécile Défaul.
- HATIN, Eugène (1861) – *Histoire Politique et Littéraire de la Presse en France*. Paris: Poulet-Malassis et De Broise, Libraires.Éditeurs, tomo VII.
- <http://borderpoetics.wikidot.com/liminality> [consultado a 20 de Setembro de 2009].
- <http://www.northangerlibrary.com/> [consultado a 20 de Setembro de 2009].
- NEMÉSIO, Vitorino (1945) – *Ondas Médias. Biografia e Literatura*. Lisboa: Livraria Bertrand.
- OUTEIRINHO, Maria de Fátima Outeirinho (2003) – *O Folhetim em Portugal no Século XIX: uma nova janela no mundo das letras*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Tese de doutoramento.
- PIERSSENS, Michel (2007) – *Le brouillard lointain des siècles*. «Les Cahiers du XIX^e siècle», dir. Rainier Gruttman. Cap-Saint-Ignace: Éditions Nota Bene, n.º 2 [n.º dédié à «Quels XIX^e siècles? Considérations inactuelles»].
- PINA, Mariano (1889) – [Crónica]. «A Ilustração. Revista Universal». Paris, 20 de Fevereiro, p. 50.
- QUEIRÓS, Eça de (1999) – *A Ilustre Casa de Ramires*, edição de Elena Losada Soler. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- SILVA, António de Moraes (1953) – *Grande Dicionário de Língua Portuguesa*, 10.^a ed. Lisboa: Editora Confluência, vol. V.
- VAN GENNEP, Arnold (1981) – *Les Rites de Passage. Étude systématique des rites*. Paris: A. & J. Picard.